



GUERRA EM GAZA

# Israel retoma trégua com ataques pontuais

Segundo autoridades palestinas, bombardeios deixaram ao menos 104 mortos no enclave. Governo de Benjamin Netanyahu anuncia que, a despeito do cessar-fogo, as tropas continuarão atuando para “eliminar qualquer ameaça imediata”

Após uma noite de bombardeios incessantes, Israel anunciou, ontem, a retomada do cessar-fogo na Faixa de Gaza, interrompido na véspera por ordem do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, em meio a acusações ao Hamas. Pouco depois, porém, fez o que chamou de um ataque de precisão a depósito de armas na área de Beit Lahia, no norte do enclave palestino. E advertiu que continuará atuando para neutralizar possíveis ameaças.

De acordo com o Exército israelense, as tropas permanecerão posicionadas em conformidade com o acordo de cessar-fogo mediado pelos Estados Unidos, celebrado em 10 de outubro. Foi a segunda vez que o governo de Netanyahu rompeu o pacto, em apenas 19 dias. Mas, agora, numa ofensiva muito mais letal do que a primeira.

A Defesa Civil do enclave palestino, um território governado pelo movimento islamista Hamas, informou que 104 pessoas, incluindo 46 crianças e 24 mulheres, morreram nos bombardeios da noite anterior. Houve mais duas mortes no ataque ao depósito, que, segundo Israel, forneceria armas destinadas a um “ataque terrorista iminente”.

O Exército israelense lançou essa onda de bombardeios após a morte de um de seus soldados em Gaza, na terça-feira, atribuída ao Hamas. O movimento radical negou que seus combatentes tenham envolvimento com o incidente, ocorrido em Rafah.

Além disso, acusou o grupo islamista de forjar a recuperação de corpos de reféns feitos durante o ataque sem precedentes feito pelos extremistas ao território israelense em 7 de outubro do ano passado, o que motivou a deflagração da guerra.

## Sem esperança

Tanto o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, quanto o Catar, mediador regional do conflito, manifestaram confiança em relação à continuidade do frágil

cessar-fogo. Dentro da Faixa de Gaza, porém, as famílias deslocadas perdem a esperança.

“Estávamos começando a respirar novamente, tentando reconstruir nossas vidas, quando os bombardeios voltaram”, relatou Khadija al Husni, de 31 anos, que vive com seus filhos sob tendas no campo de refugiados de Al Shati. “É um crime. Ou existe trégua ou existe guerra, elas não podem coexistir. As crianças não conseguiram dormir. Pensavam que a guerra havia acabado”, acrescentou.

Por intermédio do porta-voz Stéphane Dujarric, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, condenou “energicamente” a morte de civis palestinos causadas pela ofensiva. Por sua vez, o chefe de direitos humanos da ONU, Volker Turk, classificou o número de mortos como atroz.

Turk instou todas as partes a não deixarem que a paz “escorregue de nossas mãos”, ecoando os apelos do Reino Unido, Alemanha e União Europeia para que os envolvidos se comprometam novamente com o cessar-fogo.

Em Deir el Balah, no centro da Faixa, Jalal Abbas, de 40 anos, acusou Israel de usar falsos pretextos para retomar sua campanha. “O problema é que Trump lhes dá cobertura para matar civis porque eles o enganam com informações falsas. Queremos o fim da guerra e da escalada. Estamos exaustos e à beira do colapso”, destacou.

O Exército israelense afirmou que seus ataques neutralizaram 30 militantes de alto escalão. O ministro de Defesa, Israel Katz, assegurou que “dezenas de comandantes do Hamas foram eliminados”.

Com os ataques de anteontem, o Hamas adiou a entrega dos restos mortais de um refém, recém-encontrado, alertando que qualquer “escalada” dificultaria as buscas. Após o cessar-fogo, 20 sobreviventes foram libertados, mas houve a entrega de apenas 15 dos 28 corpos.

AFP



Mulheres choram em frente ao Hospital Al-Shifa, na Cidade de Gaza: 46 crianças entre os mortos da ofensiva israelense

Omar AL-QATTAA / AFP



Homens tentam retirar um corpo dos escombros de prédio



Estávamos começando a respirar novamente, tentando reconstruir nossas vidas, quando os bombardeios voltaram. Ou existe trégua ou existe guerra, elas não podem coexistir”

Khadija al Husni, palestina de 31 anos

## FURACÃO MELISSA

# Destruição e mortes na América Central

O furacão Melissa provocou “danos vultosos” e inundações em Cuba, ontem, ampliando o rastro de destruição e mortes espalhado em sua passagem por países da América Central. Após passar pela Jamaica, na véspera, com rajadas de vento violentas e chuvas torrenciais, Melissa tocou o solo no leste do território cubano com menos força e ventos máximos sustentados de 195 km/h. Ainda assim, foi a tempestade mais potente a tocar o solo da ilha em 90 anos.

A tempestade, no fim do dia de ontem, oscilava entre as categorias 3 e 5, a mais alta na escala Saffir-Simpson, com ventos que ainda podem passar de 200 km/h, segundo o Centro Nacional de Furacões (NHC, na sigla em inglês), dos Estados Unidos.

De acordo com o NHC, Melissa começou a se deslocar na manhã de ontem em frente à costa leste de Cuba e atravessaria, mais tarde, o sudeste ou o centro das Bahamas. A expectativa é a de que Melissa passe perto ou a oeste de Bermudas entre a noite de hoje ou a madrugada de amanhã.

AFP



Até a noite de ontem, a tempestade havia provocado cerca de 30 mortes na região. O Haiti reportou outras 20, elevando para 23 o total no país. Três pessoas morreram na Jamaica, três no Panamá e uma na República Dominicana.

“Foi uma madrugada muito

complexa. Danos vultosos, e o furacão Melissa ainda continua sobre o território cubano”, informou o presidente cubano, Miguel Díaz-Canel, em seu primeiro balanço da situação.

Em Santiago de Cuba, a segunda cidade mais importante da ilha,

Moradores inspecionam uma casa destruída pelo furacão Melissa em um bairro de Santiago de Cuba

no leste, a tempestade inundou casas e derrubou árvores, postes e cabos da rede elétrica, constatou um jornalista da agência France Presse (AFP). Também quebrou vidraças, painéis e outras estruturas de um hotel onde se alojavam jornalistas que ainda permaneciam no interior do prédio devido aos fortes ventos.

As autoridades cubanas informaram que cerca de 735 mil pessoas foram evacuadas, especialmente nas províncias de Santiago de Cuba, Holguín e Guantánamo. Antes da chegada do furacão, a companhia de eletricidade desligou o Sistema Elétrico Nacional nas províncias de Granma, Santiago de Cuba e Guantánamo.

Em El Cobre, cidade de Santiago de Cuba, equipes da Defesa Civil trabalharam no resgate de 17 pessoas ilhadas após o transbordamento de um rio.

## NA EUROPA

# EUA decidem reduzir a presença militar

Os Estados Unidos vão reduzir a presença militar na frente oriental da Europa, anunciou, ontem, o Exército norte-americano por meio de um comunicado de seu Estado-Maior no continente. O governo do presidente Donald Trump, na nota, procurou tranquilizar os aliados sobre a natureza do “ajuste”, assegurando não se tratar de uma saída efetiva do continente europeu.

O recuo de uma brigada do Exército norte-americano afeta, sobretudo, a Romênia, embora o conflito na Ucrânia continue ativo em suas fronteiras. “Isso não é uma retirada da Europa, nem um sinal de um compromisso reduzido com a Otan”, ressaltou o comunicado.

Atualmente, cerca de 85 mil soldados americanos estão alocados na Europa. Esse número oscilou entre 75 mil e 105 mil após o envio de 20 mil reforços depois da invasão russa da Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, segundo o Pentágono.

Ao comentar a medida, um funcionário da Aliança Atlântica disse que o “ajuste” não impedirá que as forças norte-americanas sigam sendo “mais numerosas” do que antes de 2022. Ele relatou que a organização foi informada com antecedência sobre a medida, acrescentando que “ajustes” na presença militar dos EUA não são “incomuns”.

Na Alemanha, onde está o maior contingente de tropas dos EUA na Europa, um porta-voz do governo do chanceler Friedrich Merz afirmou que o país não será afetado por esse recuo.

Na avaliação de George Scutaru, ex-assessor de segurança nacional do presidente romeno, esse movimento envia “um sinal ruim” a Moscou sobre a região do Mar Negro. “A Rússia poderia considerar que não é tão importante para os interesses norte-americanos na Europa”, declarou à agência France Presse (AFP), estimando que isso a encorajaria “a pressionar mais”.